

UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO DE BEBÊS: A ABORDAGEM PIKLER LÓCZY

Clair Elena Theisen Follmann¹

RESUMO: Compreender o desenvolvimento humano nos faz entender que ele acontece pelas experiências de vida e a educação nos remete a busca de maneiras de promover este desenvolvimento. Como educadora de educação infantil e atualmente de bebês de 0 a 1 ano, compreender como se dá este processo, quando as crianças são tão pequeninas, sempre foi um grande desafio. Baseado em pesquisa bibliográfica, este estudo tem como objetivo contribuir com a educação dos bebês, refletir sobre uma visão que respeite esta faixa etária, e, ainda, discute a importância da atenção com os bebês e o papel do adulto nesse processo. Aponta que a experiência conhecida como Abordagem Pikler Lóczy desenvolvida pela pediatra e educadora austríaca Emmi Pikler (1902-1984) pode ser sim um caminho para a educação dos nossos bebês. É disso que trata esse artigo. A Abordagem Pikler Lóczy valoriza o vínculo entre o bebê, a educadora e também o brincar livre. Depois de ser alimentado emocionalmente com uma interação profunda com o educador, o bebê, fica em um local seguro, no chão sobre piso de madeira, tecidos, ou tatames próprios, junto com os outros bebês, para se relacionar com eles e com objetos lúdicos e descubra todas as formas possíveis de se movimentar.

Palavras chave: Educação infantil, Desenvolvimento infantil, Abordagem Pikler Lóczy.

1. INTRODUÇÃO

Baseado em pesquisa bibliográfica, este estudo nos faz refletir sobre a grande necessidade de concebermos o bebê, ou seja, a criança de 0 a 2 anos como ser de múltiplas potencialidades. Precisamos ter para com o bebê um profundo respeito e uma minuciosa atenção com os detalhes de seu desenvolvimento.

O estudo apóia-se em princípios que valorizam as atividades autônomas da criança, a relação afetiva privilegiada, a consciência que vai criando de si mesma e das coisas que a cercam. Alerta ainda sobre a importância das primeiras experiências de vida dos bebês que ocorrem durante o cuidado cotidiano, sejam elas nos momentos da alimentação, do banho, da troca de fraldas e do preparo para o sono.

¹ Professora de Educação Infantil do Centro de Educação Infantil de Tunápolis-SC. E-mail: th_clair@yahoo.com.br. Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental- Facinter-2002.

A Abordagem Pikler Lóczy sustenta que é durante as atividades de cuidado, quando o bebê tem a oportunidade de estar sozinho com um educador disponível e pronto para dar atenção individualizada e completa a ele que se estabelecem as bases para a construção de uma relação harmoniosa e mútua. São esses momentos, inteiros e vivos, que colocam a criança em relação com o mundo interno e o externo, permitindo, por parte dela, a tomada de consciência de si e do outro, construindo sua identidade e, nesse processo, tornando-se cada vez mais autônoma.

O artigo contempla um breve estudo sobre a educação infantil, sobre o desenvolvimento infantil e por fim como a abordagem Pikler Lóczy pode contribuir para os fundamentos de uma educação humanizada para os bebês.

2. EDUCAÇÃO INFANTIL

A concepção de infância que temos hoje é bem diferente de alguns séculos atrás. Existem várias concepções de infância. Estas diferentes concepções são geradas por características sociais, políticas, econômicas e culturais específicas de cada comunidade e de cada época. Sendo assim, é importante salientar que a visão que temos de criança é algo historicamente construído, por isso é que se pode perceber os grandes contrastes em relação ao sentimento de infância no decorrer dos tempos. Por mais estranho que pareça, a humanidade nem sempre viu a criança como um ser em particular, e por muito tempo a tratou como um adulto em miniatura.

A maneira de educar as crianças, por muito tempo, foi considerada uma responsabilidade exclusiva da família ou do grupo social ao qual pertenciam. No convívio com os adultos e com outras crianças, elas aprendiam as normas e regras da sua cultura, a participar das tradições que eram importantes e a dominar conhecimentos necessários para a sobrevivência material e enfrentar as cobranças da vida adulta.

Para Felipe (1998) somente com os estudos de Piaget, a criança passou a ser observada e concebida como um ser completo. Para ele a criança não é uma tabula rasa, ou melhor, sua mente não é um vazio, as crianças demonstram desejos, sentimentos e são seres dotados de muitas potencialidades.

Conforme Hansen (2016), na Europa na década de 1950, coincidindo com o período pós-guerra, a sociedade num cenário de conflitos percebeu a necessidade de cuidado e assistência às crianças órfãs, filhas da guerra ou do abandono produzido pela pobreza, miséria e movimentos migratórios. Os símbolos da desumanização estavam presentes nos orfanatos

da Romênia Comunista, os bebês ficavam em abandono sem o elemento principal que era a afetividade.

O psicanalista René Spitz segundo Hansen (2016) estudou o desenvolvimento psico-afetivo de crianças que viviam num orfanato durante a Segunda Guerra Mundial e percebeu que elas sofriam de perturbações físicas e psíquicas devido a internamentos prolongados em instituições como hospitais e orfanatos por estarem carentes do afeto materno.

Coincidindo praticamente na mesma época, segundo Ortiz (2012) a comissão social das Nações Unidas publicou um estudo sobre a necessidade das crianças abandonadas “ Os Cuidados Maternos e a Saúde Mental” de Bowlby, estudioso da relação dos bebês com adultos. Conforme ele era preciso urgentemente intervir na organização de orfanatos, creches e hospitais. Nos seus estudos enfatiza ainda que:

“É preciso preservar à criança pequena os cuidados maternos necessários e insubstituíveis. A criança pequena precisa ter uma forte relação com pelo menos um cuidador primário para que seu desenvolvimento social, emocional possa ocorrer normalmente” (ORTIZ, CARVALHO, 2012, p.20).

No Brasil, as crianças pequenas, por muito tempo, também foram concebidas como páginas em branco, não se tendo literatura apropriada, roupas próprias e nem escolas feitas para elas. Até os dias atuais, ainda são muito poucas as escolas feitas pensando na criança pequena, ou seja, ainda não há um investimento sério verificando que ela é um ser único. Isso se justifica em muito o fato de termos sido colonizados por um país europeu falido, e, ainda, carregarmos vestígios desta cultura.

Conforme Ramos (2016) a educação da criança pequena em espaços coletivos data de 1930 quando o atendimento pré-escolar passou a contar com a participação direta do setor público. Tudo isso é fruto de reformas jurídico educacionais. O reconhecimento da Educação Infantil como direito da criança e não mais da mãe ou do pai trabalhador, aconteceu somente na constituição de 1988. A partir desta data, a Educação Infantil em creches e pré escolas passou a ser legalizada. Passando a ser dever do estado e direito da criança. Para Ramos (2016) no artigo 208, inciso IV fica claro que: “O dever do Estado para com a educação será efetivado mediante a garantia de oferta de creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade” (BRASIL, 1988).

Dois anos após a aprovação da Constituição Federal de 1988, foi aprovado o Estatuto da Criança e do Adolescente- Lei 8.069/90, que, ao regular o art.227 da Constituição Federal, colocou as crianças no mundo dos direitos humanos. Em seu artigo 3º, passou a assegurar à criança e ao adolescente os direitos fundamentais essenciais à pessoa humana. Sendo possível

assim, ter acesso às oportunidades de: “desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade” (BRASIL, 1990).

Além da Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, depois dos anos noventa, não esquecendo da concepção de infância e de criança e, ainda, partindo da ideia de que a criança é um ser totalmente diferente do adulto, no Brasil, começa a mudar o olhar para a criança, se tornando mais presente uma preocupação em entendê-la e atendê-la.

Para Felipe (1998) Vigotsky afirma que a criança é um ser social, ou seja, ela se sustenta do meio em que vive, absorve e entende tudo que se passa a sua volta. Este entendimento nasceu com a Lei de Diretrizes e Bases, Lei n. 9394/96, no seu artigo 29, que incorpora a Educação Infantil como primeiro nível da educação básica, “primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (LDB, 1996).

Atualmente, em muitas instituições infantis o cuidar, educar e brincar, ainda não são respeitados. A ideia de instituições para o atendimento as crianças, que foram criados depois do período pós-guerra, na sua grande maioria tinha como objetivo principal só cuidar dos pequenos. Não havendo preocupação em realmente querer entender este pequeno ser. Muito disso, se encarnou na sociedade e seus reflexos ainda são percebidos.

O trabalho pedagógico precisa ser aplicado e o direito das crianças pequenas aprenderem precisa ser respeitado. Isso só acontecerá quando toda a sociedade conceber que estar em um espaço de educação coletiva é um direito da criança. É direito da criança, desde sua tenra idade, que ela aprenda. Estar numa creche a ajudará no seu desenvolvimento humano. É um direito da criança, ser respeitada e ter estímulos no seu desenvolvimento, isso a ajudará não só a ter um desenvolvimento humano, como também psicológico e social. Por isso, colocar uma criança numa creche, pensando no cunho pedagógico, é respeitar o seu tempo, dando para ela o máximo de sensações que possam ajudá-la na construção do seu pensamento e de seu raciocínio lógico.

Percebemos que há avanços previstos na legislação, sobre a educação das crianças pequenas. Sabemos também que do ponto de vista prático muito ainda há a ser feito. Logo é muito importante refletirmos por que:

“Uma sociedade pode ser julgada pela sua atitude em relação a suas crianças pequenas, não somente no que se diz sobre elas, mas também em como essa atitude é expressada no que lhes é oferecido ao longo do seu crescimento”. (GOLDSCHMIED, JACKSON, 2006, p.13).

Nós educadores também precisamos intensificar o compromisso de uma constante busca de conhecimento para avivar o nosso crescimento pessoal e profissional. Porque todos os dias os desafios são novos, mesmo que em certas circunstâncias fomos amadores no conhecimento pedagógico com crianças tão pequenas, se existiram lapsos na nossa formação de educadores infantis. Se a nossa formação teórica foi frágil e alienada às reais necessidades desta faixa etária pesquisando, estudando, refletindo, compartilhando ideias, podemos sim buscar novos olhares e fundamentos que respeitem a faixa etária de 0 a 2 anos. Por que isso com certeza gera confiabilidade na realização do nosso trabalho docente. Sendo assim, referenciar como pesquisas de alguns teóricos vêm contribuindo para entender como se constrói a capacidade de aprender em idade tão tenra se faz necessário.

3. DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Os primeiros anos de vida são fundamentais para o desenvolvimento do ser humano. Este olhar científico, teve seu início no século XX, com os estudos da criança e do comportamento infantil. Desde então, vem-se estabelecendo várias pesquisas sobre diferentes aspectos da vida psíquica da criança, do seu desenvolvimento e da sua percepção de inteligência e mesmo de formação dessa inteligência na criança.

Para Felipe (1998) Jean Piaget, teórico do desenvolvimento humano teve grande preocupação com a questão de como o ser humano elabora seus conhecimentos sobre a realidade, como acontecem os processos de pensamento. Seus estudos trouxeram como resultado um grande avanço do que hoje chamamos de psicologia do desenvolvimento. Ele buscou conhecer: “o sujeito epistêmico, o que significa dizer, o indivíduo em seu processo de conhecimento”. (BALESTRA, 2012, p.18)

Para Piaget, segundo Balestra (2012) o conhecimento se constrói a partir de uma ação organizada e intensa da criança com o objeto. É o resultado da adaptação da criança ao seu mundo através de três mecanismos reguladores: a) Assimilação que envolve o exercício dos esquemas já construídos e a interação com dados novos; b) Esquemas de ação que são as experiências que podem ser generalizadas e cruzadas para uma outra função, ou melhor aquilo que é comum nas ações tomadas pelo ser humano frente a uma nova situação; c) Acomodação quando o ser humano se ajusta a esses dados agrupando-os e transformando seus esquemas iniciais.

“Piaget conceituou a inteligência como adaptação, pois na perspectiva piagetiana, a função da inteligência é a de estruturar e organizar o universo do próprio sujeito, que constitui na forma encontrada e utilizada pelo organismo na estruturação do meio em que vive”. (BALESTRA, 2012, p. 57)

Ele também esquematizou o desenvolvimento intelectual em estágios. O mais importante neste estudo passa a ser o do Sensório-motor, de 0 a 2 anos. Ele corresponde ao estágio inicial da vida, que vai do nascimento até dois anos, momento em que a criança já tem uma percepção do ambiente e atua sobre ele. O bebê precisa de uma estimulação no ambiente para assim realizar pensamentos das imagens e com isso passar a coordená-las.

Muito importante também destacar é que há um paralelo fiel entre a vida afetiva e a inteligência que vai da infância até a adolescência do ser humano.

A afetividade e a inteligência são, portanto, indissociáveis e constituem os dois aspectos complementares de toda conduta humana”. No início da infância, ou seja, de 0 a 2 anos, a afetividade está inteiramente voltada para o “eu”, predominando um comportamento totalmente indiferenciado frente ao mundo. Nessa fase, as carências da criança são ainda marcadas pelas suas necessidades orgânicas, característica que faz com que ela seja imediatista, privilegiando, sobretudo, a busca do prazer (BALESTRA, 2012, p.47).

Segundo Felipe (1998) Henri Wallon, médico francês, que desenvolveu vários estudos na área da neurologia e desenvolvimento infantil contempla a motricidade, afeto e cognição. Nas suas pesquisas enfatiza que:

O desenvolvimento da inteligência depende das experiências oferecidas pelo meio e do grau de apropriação que cada ser humano faz delas, ou seja, os aspectos físicos do espaço, as pessoas próximas, a linguagem, bem como os conhecimentos presentes na cultura contribuem efetivamente para formar o contexto de desenvolvimento (FELIPE, 1998, p.23).

Wallon classificou o desenvolvimento humano em estágios. Este estudo contempla os dois primeiros estágios:

a) Estágio impulsivo- emocional: Primeiro ano de vida. É um período onde prevalecem nas crianças as relações emocionais com o ambiente. É a fase de construção do ser humano. Neste período, é desenvolvido o olhar, o pegar, o andar que tornam possível ao longo do segundo ano de vida, uma maior exploração do ambiente.

b) Estágio sensório- motor: Período que compreende de 1 a 3 anos aproximadamente. Nesta fase da vida, ocorre uma grande exploração do mundo físico, predominam relações cognitivas com o meio. A criança desenvolve a inteligência prática e a capacidade de simbolizar. No final do segundo ano de vida, a linguagem falada e, mesmo o faz de conta, fazem com que a criança tenha uma nova relação com o real, ou seja, ao falarmos a palavra

ela reconhecerá imediatamente do que se trata não necessitando que lhe mostremos o objeto. Podemos então dizer que ela já adquiriu a capacidade de simbolizar, não havendo a necessidade de visualizar o objeto ou a situação ao qual está se está referindo.

Para Oliveira (2004) Vygostky estudioso russo, na área da história, literatura, filosofia e psicologia enfatiza que a relação dos indivíduos com o mundo não acontece diretamente, mas é mediada por sistemas simbólicos. A linguagem ocupa um papel central, porque é através dela que acontece a troca entre os indivíduos, e é por meio dela que o ser humano separara e generaliza o pensamento.

O funcionamento psicológico acontece a partir das relações sociais constituídas entre as pessoas e o mundo exterior. A cultura desempenha um papel fundamental porque fornece às pessoas os sistemas simbólicos de representação da realidade. Ou seja:

A construção do pensamento e da subjetividade é um processo cultural, e não uma forma natural e universal da espécie humana. Ela se dá graças ao uso de signos e ao emprego de instrumentos elaborados através da história humana em um contexto social determinado (OLIVEIRA, 2004, p.131).

Para Vygostky entre os vários símbolos, apropriar-se da linguagem de seu grupo social passa a ser o processo mais importante no desenvolvimento do ser humano porque, “A aquisição de um sistema linguístico dá forma e pensamento e reorganiza as funções psicológicas da criança, sua atenção, memória e imaginação” (OLIVEIRA, 2004, p.133).

Sendo assim, a linguagem assume um papel central porque permite a troca entre as pessoas, e é através dela que o ser humano consegue separar e expandir o pensamento.

Vygostky, conforme Felipe (1998) em suas pesquisas ainda aponta que a criança apresenta em seu processo de desenvolvimento um nível que ele chama de real ou efetivo e outro de potencial. O nível de desenvolvimento real ou efetivo se refere às conquistas, funções e capacidades que a criança já domina, ou seja, as coisas que a criança já é capaz de fazer sozinha sem a ajuda de outras pessoas. O nível de desenvolvimento potencial se refere aquilo que a criança é capaz de fazer mediante ajuda de outra pessoa. Existem atividades que as crianças não realizam sozinhas, mas, poderão realizá-las se alguém lhes der explicações, ou até demonstrar-lhes como pode ser feito. A distância entre os dois níveis diferencia a Zona de Desenvolvimento Proximal e é ela que define as funções que ainda não se desenvolveram na criança.

Para Felipe (1998) Vygostky ainda fala da importância do brincar e da brincadeira. A brincadeira é algo que pertence à criança. É através do brincar que a criança experimenta, constrói e se organiza. Cria e recria o mundo que a cerca através de cada nova brincadeira.

Através do brincar, a criança se expressa e se comunica, e ainda, faz trocas com as coisas e pessoas que estão a sua volta.

Compreendendo melhor como acontece à capacidade de aprender em idade tão tenra, cabe a nós educadores proporcionar experiências diversificadas e enriquecedoras, onde cuidar, educar, brincar estejam presentes e, ainda, onde estas práticas de cuidado e educação aconteçam numa perspectiva humanizada. Concebendo os bebês como seres de múltiplas potencialidades e que são os primeiros anos os fundamentais no seu desenvolvimento. Sendo assim, o foco da reflexão posterior trata da Abordagem Pikler Lóczy e de como esta abordagem pode fundamentar a educação de bebês.

4. A ABORDAGEM PIKLER LÓCZY

Trabalhar com crianças tão pequenas, ou seja, bebês, é um desafio que todo educador passa e não podia ser diferente quando iniciamos o trabalho com o nosso berçário em julho deste ano de 2016.

Logo, a participação no curso com a Abordagem Pikler Lóczy vem apontando muitos caminhos e gerando maior confiabilidade na realização do trabalho docente. A busca por mais estudos e maior compreensão se faz necessário diariamente. Somente assim compreenderemos quem são os bebês. Porque existe uma grande necessidade de uma nova visão da criança pequena, a visão de um ser humano completo.

Porém, não tem como falar em abordagem Pikler Lóczy sem se referenciar a Emmi Pikler. Conforme Falk (2011) Emmi Pikler nascida em 1902 e falecida em 1984, era uma pediatra austríaca que realizou seu trabalho profissional em Budapeste, na Hungria. Trabalhou como pediatra e assistente familiar e foi, durante mais de trinta anos, diretora de uma instituição de acolhida a crianças órfãs e abandonadas, onde observou e estudou os bebês.

Fundadora do Instituto Pikler Lóczy em 1946, cujo nome se deve à sua localização na Rua Lóczy em Budapeste na Hungria. Devido ao destaque do trabalho realizado, em 1970, o Instituto Lóczy se transformou em Instituto Nacional de Metodologia para locais destinados a crianças da Hungria, tornando-se centro piloto ministrando formação para médicos, enfermeiras, psicólogos, pedagogos, mestres e cuidadores. Essa atividade formativa permanece até hoje, sendo uma referência mundial em atenção educativa e cuidados para os profissionais que trabalham com educação de crianças de 0-3 anos.

“Hoje, suas concepções pedagógicas, sua organização e seu funcionamento são citados cada vez mais e frequentemente na literatura como o “modelo Lóczy” (FALK, 2011, p.15).

A abordagem Pikler Lóczy se fundamenta em um respeito profundo pelos bebês, ou seja, uma minuciosa atenção com os detalhes do seu desenvolvimento. Para Emmi Pikler, segundo Falk (2011) o bebê já é uma pessoa. Ela ainda ressalta que:

Evitaríamos muitos problemas se desde o começo, considerássemos o cuidar como um momento íntimo, pleno de comunicação. O bebê não deveria ser considerado como um simples objeto de cuidado, mas como uma pessoa que tem influência sobre os acontecimentos e que estabelece relações, um verdadeiro companheiro (FALK, 2011, p. 34).

O bebê sente o amor dedicado a ele quando lhe dedicamos uma atenção de qualidade em suas necessidades.

Emmi Pikler ainda ressalta que: “As refeições, as trocas de fraldas, o banho, o momento de vestir a criança são as melhores ocasiões de estarem juntos de maneira regular. E é durante estas atividades, sem ter pressa, que se leva em conta as necessidades e as reações da criança e toda a sua participação” (FALK, 2011, p.20).

Por outro lado, com esta atenção diferenciada e humanizada haverá momentos em que o bebê já pode ficar sozinho, ou melhor, momentos em que se ocupará de suas próprias tentativas e suas atividades autônomas não exigindo a presença constante do adulto, para que ele não se sente impotente.

Os resultados desta abordagem, conforme Dr. Roger Hansen², passam a ser muito benéficos às crianças e seus educadores. As crianças se tornam mais confiantes, alegres, curiosas e ativas, existem relações excelentes com seus pais, educadores e colegas, há uma sadia curiosidade e interesse em aprender. Para os educadores os resultados são de uma independência maior das crianças exigindo assim menos dos educadores, existe a formação de um laço afetivo que facilita enormemente o trabalho, e o educar se torna um ato prazeroso.

5. OS PRINCÍPIOS DA METODOLOGIA PIKLER LÓCZY

5.1 MOVIMENTO LIVRE

O desenvolvimento intelectual de uma criança tem a ver com a segurança de suas posturas. Dr. Roger Hansen (2016) salienta que antes de pensarmos em treinar a criança a fazer algo precisamos sim nos perguntar por que ela não está fazendo isso, ou seja, porque ela não engatinha, porque ela não senta. Nossa sociedade, infelizmente, cultua muito, o que é

² HANSEN, Roger. A Pedagogia Florença e a Aplicação da Abordagem Pikler. Palestra proferida no Curso de Educação Infantil. Florianópolis-SC, em 08,09 e 10 de julho de 2016.

precoce, porque isso tem mais valor passando assim a treinar a criança para conseguir fazer as coisas. É preciso conter a ansiedade dos adultos em relação a certas situações, e nós educadores, precisamos estar sempre atentos e ter muito claro o desenvolvimento da faixa etária com a qual trabalhamos. É preciso observar muito claramente quando há necessidade de intervenção e quando é preciso que o desenvolvimento aconteça de forma espontânea. Cada criança é única e precisamos respeitar seu processo.

A intervenção do adulto, ensinando ou simplesmente interferindo nos movimentos e nos jogos do bebê, não apenas perturba a situação de independência, substituindo o interesse do bebê por seus próprios objetivos, como também aumenta artificialmente a dependência da criança (FALK, 2011, p.35).

É preciso permitir que a criança se locomova sozinha pelo ambiente, de preferência em um chão de madeira, em regiões mais frias, importante um piso laminado ou quando usarmos tatames que estes não sejam de materiais que afundem, porque conforme Dr. Roger Hansen (2016) os tônus da pele e musculatura do bebê precisam ser moldados, e quanto mais dura a superfície, mais leve o bebê fica. É preciso permitir que a criança escolha com o que e como quer brincar.

“O bebê, pelo que faz na direção de seus movimentos e na aquisição de experiências sobre ele mesmo e sobre seu entorno sempre a partir daquilo que consegue fazer é capaz de agir adequadamente e de aprender de maneira independente” (FALK, 2011, p.35).

Para Dr. Roger Hansen (2016), quando realmente deixarmos e oportunizarmos que os bebês aprendam e superem suas dificuldades, eles terão maior destreza, equilíbrio, agilidade. Seu deslocamento será autônomo, sua postura será relaxada e segura e seu movimento será natural. O caminhar hesitante é sinal de que a criança não chegou lá por conta própria. Nós adultos, somos os que, tem paixão de vê-la fazer estas ações precocemente e não lhe damos o tempo necessário.

A criança que consegue algo por sua própria iniciativa e por seus próprios meios adquire uma classe de conhecimentos superior àquela que recebe a solução pronta e, também, que o não intervencionismo na atividade independente da criança não significa abandoná-la: algumas trocas de olhares, um comentário verbal, uma ajuda em caso de necessidade, o compartilhamento da alegria com quem está feliz, tudo isso indica à criança que ela é uma pessoa importante e querida (FALK, 2011, p.27).

Logo, as funções do educador nesta perspectiva passam a ser de preparar bem o ambiente permitindo assim que o bebê possa vivenciar experiências muito ricas, garantir a segurança, e manter o foco o que significa saber estar com as crianças mantendo uma profunda atenção interna e não externa. “O desenvolvimento da criança depende da qualidade do ambiente em que ela é educada, porque quando o ambiente não está preparado para a criança o educador precisa coibir demais” (HANSEN, 2016).

Uma boa escola de educação de bebês salienta, Dr. Roger Hansen (2016) precisa ser silenciosa, é preciso muita atenção em relação às poluições como: os sons, as paredes, os brinquedos. As paredes precisam ter o mínimo de decoração e é preciso harmonizar as cores, muitos brinquedos atrapalham e inibem a motricidade.

As condições para garantir a liberdade de movimento são de roupas que não atrapalhem e calçados flexíveis quando necessário, porém, sempre que isso se tornar possível conforme Dr. Roger Hansen (2016) é muito importante deixar a criança descalça porque os dedos dos pés fazem o equilíbrio e são os reguladores da postura.

Para a criança, a liberdade de movimentos significa a possibilidade, nas condições materiais adequadas, de descobrir, de experimentar, de aperfeiçoar e de viver, a cada fase de seu desenvolvimento, suas posturas e movimentos. Por isso, tem necessidade de um espaço adaptado aos seus movimentos, de roupa que não atrapalhe, de um chão sólido e de brinquedos que motivem (FALK, 2011, p.48).

O uso de implementos é outro fator muito importante numa sala de bebês. Os implementos na abordagem Pikler são os cercados, escadas, rampas, caixas, plataformas de madeira. Dr. Roger Hansen (2016) salienta que eles são um atestado de aceitação da infância, passam a ser desafios naturais e seguros onde os pequenos poderão conquistar seu corpo de modo independente. Porque assim:

O bebê experimenta a aventura, descobre tateando, reproduz, coordena cada aquisição à medida que segue seu caminho, enfatizava Emmi Pikler. Essa afirmação mostra a importância de respeitar todas as manifestações espontâneas do bebê, a ordem e o ritmo de seus aparecimentos. A continuidade desse processo, em que o bebê é ator e autor, aponta para o significado de que o exercício de cada passo, não apenas prepara, mas serve de base para o passo seguinte: “é importante não contrariar esse processo interferindo ou expondo o bebê a posturas que ele ainda não descobriu sozinho ou que ainda não é capaz de adotar, retirando assim sua alegria de descobrir por si próprio e sentir segurança em suas próprias capacidades (NABINGER, 2015).

5.2 BRINCADEIRAS ESPONTÂNEAS

Dr. Roger Hansen (2016) salienta que a iniciativa própria é uma expressão chave utilizada na abordagem Pikler. Os adultos não entretêm ou impõem atividades aos pequenos. Eles aprendem a entreter e estimular a si próprios, explorando o que os seus corpos podem fazer, interagindo com o ambiente preparado e com os outros bebês ao seu redor. Neste sentido, é necessário ainda destacar que “ao surgir sem a influência dos adultos, o livre brincar infantil se organiza de modo espontâneo, com base nas formas imediatas das ações,

movimentos e percepções que provêm da história evolutiva da espécie humana” (MATURANA,1993, p.187).

Importante considerar que quando deixarmos que os bebês estudem o mundo e os objetos em sua volta, estaremos confiando que eles são capazes de passar longos minutos desvendando mistérios, descobrindo o peso do seu corpo, diferentes texturas, e muitas formas de interação. Ainda estaremos oportunizando que se locomovam sozinhos para chegar ao que lhes interessa, compartilhem e tenham a oportunidade de voltar e de tentar os movimentos e descobertas para seguirem se aperfeiçoando. “São estes os momentos, ou seja, os momentos do brincar que a criança menos precisará do adulto, pois ela saberá fazer isso melhor do que ninguém” (AZEVEDO, 2013, p. 42).

Percebe-se assim, que os brinquedos passam a ser os elementos do brincar, para Dr. Roger Hansen (2016) são os objetos para ensaiar a vida, e um bom ensaio é aquele mais próximo possível da realidade. Importante nos questionarmos então, de que brinquedos a criança precisa?

Como anteriormente citado, até um ano a criança é sensório-motora-emocional, os sentidos são os grandes mensageiros da inteligência. Logo, conforme Dr. Roger Hansen (2016), brinquedos para bebês passam a ser objetos diversos não estruturados. Poderíamos dizer que o primeiro brinquedo após o corpo dos bebês poderia ser um tecido de algodão colorido de 35cmx35cm vermelho com bolinhas brancas, estudos apontam que ele estimula o nervo óptico e o equilíbrio.

Ainda conforme Dr. Roger Hansen (2016), de 3 a 6 meses, a criança faz experiências com objetos, tentando todas as diferentes ações que possa fazer com cada objeto e assim vai descobrindo suas propriedades, aprendendo as leis da natureza e conseqüentemente vai conhecendo o mundo. Nesta fase, é muito importante escolher objetos que o bebê possa sustentar sozinho com apenas uma mão. Exemplo: bolinhas de tecido ou borracha, animaizinhos de borracha, mas que não produzam sons. O som é importante que a criança descubra batendo algo no chão, ou no outro brinquedo.

Posteriormente, dispor de objetos mais largos, mais difíceis de pegar e manipular. Objetos de distintas texturas, sons e cores. Objetos que, com o mesmo gesto, produzam sons. Exemplo: cubos de metal e madeira. Objetos que os bebês possam bater para extrair sons. Outras sugestões como argolas, bonequinhos, animaizinhos, bacias, potes, cubos, objetos grandes, pequenos, de distintos pesos e formas. Objetos grandes e pesados, porém, ter sempre o cuidado que não prejudiquem colegas ao brincar. O objetivo da utilização destes brinquedos passa a ser o de acumular diferentes impressões e experiências.

Como oferecer os brinquedos na faixa etária de 3 a 6 meses? Nesta fase, o bebê fica deitado de costas, ou seja, em “[...]posição dorsal, aparecem sucessivamente - sem que o adulto coloque a criança em nenhuma dessas posições- as primeiras viradas, o girar-se no momento em que a própria criança domina o comportamento” (FALK, 2011, p. 48). Por isso, nesta fase, ressalta Dr. Roger Hansen (2016), é importante oferecer de 3 a 4 brinquedos que ficam ao redor do bebê, sem prejudicá-lo. Ele passa a procurar os brinquedos. Podemos oferecer novos brinquedos, porém não retirar os antigos, porque a brincadeira precisa ser expandida em variedade e profundidade.

Na fase de 6 meses até um ano, o bebê inicia um processo maior de controle da sua motricidade, ou seja, “[...] depois vem outras etapas: arrastar-se e deslocar-se engatinhando, a posição meio sentada, elevar-se de joelhos, depois de pé, primeiro com apoio e depois sem apoiar-se” (FALK, 2011, p.48). Logo, muitos brinquedos podem atrapalhar ou incomodar o bebê nas suas aventuras de descobrir o controle do corpo e mesmo a descoberta do ambiente.

Como podemos então proceder? Dr. Roger Hansen (2016) aponta que é preciso evitar o caos de ter muitos brinquedos espalhados guardando os brinquedos abandonados. Regular os brinquedos na sala com base no interesse das crianças. Fornecer os necessários. E retirar os abandonados.

Isso passa a ser a função do educador, a criança não pode ser responsabilizada precocemente por recolher e guardar brinquedos. “Se o adulto recolhe os brinquedos espalhados com alegria, sem reclamar ou perturbar-se, a criança estará mais disposta para fazer isto mais tarde” (HANSEN, 2016).

Importante também salientar que conforme Eva Kaló, Pedagoga que trabalhou por 40 anos no Instituto Pikler Lóczy “ Uma educadora jamais deve temer que uma criança se sature de seus brinquedos nem deve preocupar-se em oferecer-lhe continuamente brinquedos novos. Ao contrário, se seus brinquedos mudam sempre, sua brincadeira pode tornar-se muito superficial” (HANSEN, 2016).

A partir de um ano inicia o processo da construção, Dr. Roger Hansen (2016) assinala que nesta fase, a criança procura pôr um objeto sobre outro, empilhar coisas, organizar os objetos em filas ou em grupos, ou encaixá-los um dentro do outro, ou alcançar o equilíbrio com uma peça. Portanto, é uma fase onde a criança desenvolve um riquíssimo repertório de destrezas. Logo, objetos caseiros da vida cotidiana são as melhores opções para o brincar. Ex: cubos, bacias, frascos vazios, garrafinhas, carretéis, etc.

A partir de 1 ano e 6 meses, inicia o processo do colecionar. A criança procura agrupar objetos do mesmo tipo, ela descobre que as peças do jogo de construção podem agrupar-se de

diferentes maneiras. A criança procura ordenar por formas e cores e, às vezes, por dois critérios ao mesmo tempo.

É a fase para o bebê em que colecionar passa a ser um jogo em si mesmo, por isso argolas, bolas, cubos, baldinhos de plástico, peças de lego, ou melhor, tudo o que tiver em abundância passará a ser objeto de coleção. Sendo assim, ter potes e bolsas passará a ser fundamental para pôr os objetos colecionados dentro, de preferência bolsas de tela vazada, para que se veja o que há dentro. Importante ter claro que quanto menor a criança, maior precisam ser as bolsas e potes para colecionar as peças. E nunca esquecendo, não usar sacos plásticos, pois há o perigo de asfixia.

“Ao tentar obter, possuir e reter objetos, experimentam os conceitos de ‘meu’, ‘seu’, e ‘nosso’ e aprendem os comportamentos relacionados aos conceitos” (HANSEN,2016).

Esta também passa a ser uma fase onde acontecem conflitos. Como é a fase onde a criança passa a ter uma maior consciência de si mesma, dos outros e das coisas que a cerca ela passa a lutar para conquistar seu espaço.

Tudo isso está relacionado a alguns marcos muito importantes do desenvolvimento infantil. A criança começa a ganhar autonomia, a falar e a andar. Aprende a dizer ‘não’. Os sintomas de oposição e desafio estão ligados a esse ganho de autonomia. “A criança, ao passar por esse período, demonstra que está se desenvolvendo de forma saudável, se diferenciando, percebendo seus desejos, percebendo o outro e o mundo a sua volta (FREIXO, 2015).

O papel do educador, conforme, Dr. Roger Hansen (2016) é fundamental. Para a criança nesta fase da vida não é nada fácil renunciar algo que quer e muito menos perder algo que possui. A educadora pode expressar isso e ajudar a criança. Paciência, confortar a criança, fazê-la perceber que sua dor é aceita são fundamentais nesta fase. Pode acontecer que conversar não funcione e as crianças envolvidas comecem a chorar. O brinquedo nesta fase do colecionar passa a ser de direito da criança que o pegou primeiro. A educadora pode pedir que as crianças compartilhem o brinquedo, porém, Dr. Roger Hansen (2016) salienta que isso passa a ser ineficaz pedagogicamente, sendo assim, a regra passa a ser que ninguém está autorizado a usar a força para obter o que quer, esta regra não precisa ser dita, basta agir conforme ela, ou seja, aproximar-se da criança com afetividade e permitir que ela escolha o objeto que vai doar. Isso a prepara para que o faça sozinha mais tarde, ou seja aos três anos de vida.

Para Dr. Roger Hansen (2016), a partir dos dois anos, o colecionar passa a ser cada vez menos uma brincadeira em si mesma. As crianças iniciam o processo de recolher objetos

para construções mais elaboradas, ou seja, para o jogo simbólico que começarão a amadurecer.

5.3 CUIDADOS PRIVILEGIADOS

As atividades livres e espontâneas somente serão possíveis quando as crianças, antes de tudo, estabelecem um vínculo de confiança e respeito com o adulto que está responsável pelos seus cuidados. Existem momentos e uma maneira específica para se criar esse vínculo. Ele se forma quando o adulto e a criança podem dedicar-se uma atenção exclusiva e afetiva que ocorre nos momentos de cuidados, alimentação, higiene e preparo para o sono. Conforme Dr. Roger Hansen (2016), é através dos detalhes nos cuidados, que incluem seqüência rítmica de movimentos, melodia no tom de voz e gestos delicados e a não transformação destes momentos em uma série de procedimentos mecânicos que estaremos criando o vínculo com os bebês.

Logo, a criança precisa ser tratada com todo respeito, e deve ter uma participação ativa no seu próprio desenvolvimento, ao invés de receber passivamente os estímulos e atenções vindos dos adultos. Assim poderá conquistar sua autonomia de maneira segura e com bons referenciais para vida.

“A segurança afetiva é o que garante o pleno desenvolvimento do bebê. A função psíquica se apóia na experiência corporal” (HANSEN, 2016).

Dr. Roger Hansen (2016) salienta que os elementos primordiais para que a segurança afetiva aconteça perpassa pelo cuidado com o corpo do bebê e pelo estabelecimento e sustentação do olhar. Olhar-Falar-Tocar. Energia de conexão-Amor.

Os cuidados privilegiados, ou seja, a higienização e a troca de fraldas e a alimentação deverão ser momentos de atenção 100% para a criança, evidencia Dr. Roger Hansen (2016). É preciso dedicar o tempo necessário, falar com a criança, ou seja, nestes momentos precisa acontecer um banho de palavras. Falar exatamente tudo o que se vai fazer com ela. As palavras transferem os sentimentos do educador para com a criança. O toque gera o vínculo, a segurança afetiva. É preciso permitir gestos da criança e estar atento a eles, ou seja, ajudar para que o bebê se torne um companheiro ativo. Neste sentido:

Consideramos fundamental que a criança participe dos cuidados de seu corpo e que, ainda que não possa se vestir sozinha nessa idade, observe os detalhes, acompanhe o processo de fala da educadora mesmo que não esteja em condições de participar concretamente. A cadeia de interação se interromperá de quando em quando, mas as educadoras devem procurar atrair intencionalmente o olhar da criança e se esforçar por fazer ressurgir a interação (FALK, 2011, p. 88).

Somente assim, estaremos mantendo o cuidado, o respeito e a humanização em espaços de educação coletivos para bebês.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca de fundamentação teórica sobre a educação dos bebês nesta pesquisa nos faz entender que a educação mundial e brasileira passa por diversas transformações. Vivemos em contextos culturais e históricos em constante transformação. Onde as maneiras de pensar o que é o bebê e a criança, estão se modificando.

Quanto à legislação brasileira a educação dos bebês em espaços coletivos está sendo vista como um investimento que se faz necessário, sabemos, porém, que ainda apresenta padrões aquém dos desejados.

Por outro lado, estudos de teóricos e pesquisas sobre o desenvolvimento dos bebês mostram que a capacidade de conhecer e aprender se constrói através do corpo, com as coisas do ambiente em que vivem, através das interações que estabelecem com outras crianças e adultos. Que os bebês são seres dotados de muitas potencialidades.

Considerar ainda que a educação, o cuidado, o brincar, e acima de tudo uma educação humanizada precisa permear nas instituições de educação coletiva de bebês. Sabemos que do ponto de vista prático, muito disso precisa ser melhorado porque, infelizmente,

O espaço da vida humana está desfigurado pela civilização moderna, que se tornou demasiadamente rápida, ruidosa e desvitalizada. Assim, o mundo em que agora vivemos tornou-se destrutivo para nós, pois já não dá à criança o espaço de liberdade e paz que ela precisa para se desenvolver de maneira salutar (MATURANA, 2004, p.195).

E ainda,

A investigação experimental descobre cada vez mais facetas da competência da criança. A ciência também nos ensina que todo ato desejado e executado ativamente pelo sujeito tem para este conseqüências imediatas e, a longo prazo, muito enriquecedoras que os atos impostos e suportados. Entretanto, em nosso “hábito cultural, essas descobertas ainda não tem espaço: a imagem do recém nascido é teimosamente fixa. O recém nascido ainda é considerado como alguém que temos que ensinar tudo ou, pelo menos, alguém a quem teremos de fazer exercitar suas capacidades segundo nos pareça importante para o seu desenvolvimento. Muitas vezes involuntariamente e muitas vezes com bons argumentos, o adulto impede que a criança atue fora dos momentos concretos que ele-adulto, tenha previsto. Sendo assim, a criança passa uma parte de seu tempo esperando: esperando que alguém venha até ela, esperando que chegue o momento da atividade, esperando crescer para variar a atividade, esperando passivamente (FALK, 2011, p. 41).

Logo, nosso desafio de educadores nesta fase da vida passa a ser fundamental. É preciso, ter a consciência de que a primeira infância é um ciclo pleno de potencialidades. É preciso perceber e conceber o bebê como ser ativo, produtor de cultura e cada vez mais competente para lidar com as coisas do mundo. É fundamental, buscar práticas que avancem para além do anúncio de cuidar e educar. Buscar práticas que concretizem esse cuidado e educação numa perspectiva humanizada de educação para com as crianças. Logo o “Modelo Lóczy” como conhecido na literatura, aponta caminhos e fundamentos para uma educação que respeite profundamente os bebês e promova a sua liberdade. Sem dúvida, nossos bebês, merecem novos olhares e práticas educativas de qualidade.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Silvana. Um olhar cuidadoso. **Pátio Educação Infantil**. Porto Alegre, ano 11. Nº 35 p. 40-43 abril/ junho. 2013.

BALESTRA, Maria Marta Mazarro. **A Psicopedagogia em Piaget: uma ponte para a educação da Liberdade**. Curitiba. InterSaberes. 2012.

BRASIL, **Constituição da república Federativa do Brasil**, Brasília, DF: Senado Federal, 1998.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Lei nº 8069, de 13 de junho de 1990.

FALK, Judit. **Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy**. Araraquara, São Paulo. Junqueira&Marin. 2011.

FELIPE, Jane. O desenvolvimento infantil na perspectiva sociointeracionista: Piaget, Vygostky, Wallon In. GRAIDY, Carmem M; KAERCHER, Gládis E. Pereira. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998. P. 23-33.

FREIXO, Daniela de Faria. **Os Terríveis 2 anos: saiba o que esperar da fase da birra**. Disponível em: <<http://www.paisefilhos.com.br/crianca/os-terríveis-2-anos-saiba-o-que-esperar-da-fase-da-birra>>. Acessado em 10 de outubro de 2016.

GOLDSCHMIED, Elionor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche 2**. Ed.- Porto Alegre: Grupo A 2006.

HANSEN, Roger. **A Pedagogia Florença e a Aplicação da Abordagem Pikler**. Palestra proferida no curso de Educação Infantil. Florianópolis-SC em 08,09 e 10 de julho de 2016.

MATURANA, Humberto R, ZÖLLER, Gerda Verden. **Amar e Brincar:** fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. São Paulo. Palas Athena Editora. 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.** Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasília, DF: MEC, 1996.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Secretaria de Educação Fundamental. **Política nacional de educação infantil.** Brasília, DF: MEC/ SEF/ COEDI, 1994.

NABINGER, Silvia. Palavra de Silvia Nabinger: filosofia e práticas Emmi Pikler: **Tempo de creche.** Disponível em: <<http://www.tempodecreche.com.br/palavra-de-especialista/palavra-de-sylvia-nabinger-filosofia-e-praticas-emmi-pikler/#more-3616>>. Acessado em 22 de setembro de 2016.

OLIVEIRA, Zilma M. Ramos de (Org.). **Educação Infantil:** muitos olhares. São Paulo: Cortez, 2004. 6ª ed.

ORTIZ, Cisele; CARVALHO, Maria Venceslau de. **Interações:** se professor de bebês-cuidar, educar e brincar: uma única ação. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda, 2012.

PANIAGUA, Gema; PALACIOS, Jesús. **Educação infantil:** resposta educativa à diversidade. Porto Alegre. Artmed. 2007.

RAMOS, Jackson Queiroz. **Concepção de Infância e Educação Infantil.** Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/concepcao-de-infancia/68484/#ixzz4I9ffIn00>>. Acessado em: 23 de Agosto de 2016.